

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 15 - Desafios teóricos, metodológicos e éticos em pesquisas com/de mídias e plataformas digitais

Desafios na condução de pesquisas em plataformas digitais com perfis anônimos ou falsos

Giovanna Gabriela Moreira de Oliveira¹

Steyce Dayane Lopes²

INTRODUÇÃO

Pesquisar sem conhecer o interlocutor de pesquisa pode até parecer um cenário hipotético ou pouco provável, mas, para pessoas pesquisadoras situadas no campo da internet, essa é uma realidade bastante plausível e, em alguma medida, comum. Com poucas informações disponíveis, muitas vezes impossibilitando a identificação de qualquer “pessoa real”, quem pesquisa precisa lidar com um contexto em que seu interlocutor é um sujeito desconhecido. Como, então, realizar uma empreitada de pesquisa sem desrespeitar normas éticas diante desse cenário? Quais são as possibilidades metodológicas frente a isso? E quais cuidados e questões atravessam esse ambiente digital marcado por essa presença e, ao mesmo tempo, não presença?

É pensando nesses pontos que este trabalho propõe discutir desafios e possibilidades da pesquisa em plataformas digitais marcadas pela presença significativa de perfis anônimos, com pseudônimos ou potencialmente falsos - tecnicamente compreendidos aqui sob as lentes do anonimato visual e discursivo, tomando o *lurking* como estratégia metodológica e ética

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR (PPGSOCIO), advogada. giovannagmoliveira@gmail.com

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR (PPGSOCIO), bolsista Capes, steyce6@gmail.com

central perante a esse cenário. A partir de dois campos empíricos em andamento, examinamos como a opacidade das identidades digitais tensiona dimensões fundamentais da pesquisa em ciências sociais, como acesso, consentimento e rastreabilidade, exigindo uma escuta sensível e cuidados específicos neste processo.

O primeiro campo empírico está situado no Wattpad, espaço em que se analisa a literatura virtual sobre lesbianidades. Observamos como o pseudonimato atua como facilitador do *self-disclosure* (QIAN; SCOTT, 2007) permitindo com que processos de partilha de desejos, descobertas e identificações ocorram em uma zona de intimidade protegida, em que as fronteiras entre o "eu" e a sociabilidade em torno da literatura se diluem em favor de uma elaboração mediada pela textualidade. O segundo campo acompanha discursos antiaborto no Instagram. Sob a lente da Teoria SIDE (HAFIFAH; NURRAHMI, 2024), analisamos como a desindividuação operada pelo anonimato desloca o sujeito da sua identidade pessoal para uma imersão na identidade social do grupo, tornando o perfil um nó de uma rede discursiva reacionária em que a performance precede a identidade civil.

No contexto dessas plataformas, a ausência de identificação explícita está atrelada ao elemento constitutivo das dinâmicas sociotécnicas que ali se produzem. Observamos que o uso de perfis não identificados pode favorecer formas singulares de sociabilidades, criação de narrativas e experimentação identitária que funcionam como simulacros: realidades que não escondem uma verdade, mas que produzem efeitos de verdade próprios, permitindo práticas de escape às normas e aos próprios termos de uso das plataformas.

Ao dialogar com debates da sociologia no âmbito digital e dos estudos sobre plataformas, o trabalho busca refletir sobre as implicações teórico-metodológicas da pesquisa com dados produzidos em contextos marcados pela opacidade dos perfis e pela mediação algorítmica. A partir das experiências empíricas apresentadas, discutimos estratégias de aproximação ao campo, observação e interpretação que considerem a hiper-realidade desses ambientes, articulando abordagens qualitativas sensíveis ao caráter descentrado das interações digitais.

Por fim, defendemos que a presença de perfis anônimos ou falsos exige repensar categorias clássicas da pesquisa social, abandonando a busca pela "essência" do usuário em favor da análise das subjetividades e sociabilidades tecidas no ambiente digital. Visando contribuir para o desenvolvimento de metodologias eticamente responsáveis, este trabalho estrutura-se iniciando com uma discussão teórico-metodológica sobre o anonimato nas redes,

seguida pela apresentação e análise de nossos campos empíricos específicos para ilustrar tais tensões, e encerra-se com as considerações finais.

1. A “não” presença: anonimato, pseudônimo e perfis potencialmente falsos

No universo da pesquisa em plataformas digitais, a figura do interlocutor desidentificado, ou seja, aquele que não possui identidade explícita, seja com fotos, dados, informações, constitui a realidade empírica que redefine os contornos da investigação social. Como menciona Fontanella (2010) esse anonimato dos perfis nas comunidades virtuais sempre foi um tema importante no campo dos estudos situados na internet. Nesse sentido, a discussão aqui realizada não é necessariamente nova, mas, subsidiada pela empreitada em dois campos diversos e diferentes, acreditamos que é possível tecer algumas ponderações importantes para outras pessoas pesquisadoras que encontraram, assim como nós, este cenário em que o anonimato se faz presente.

A pesquisa no ambiente digital impõe uma ruptura metodológica profunda. Como observam Facioli e Padilha (2019), a tradição das Ciências Sociais consolidou seus pressupostos éticos e metodológicos a partir das relações *face a face*. Ao transpor a investigação para contextos mediados por tecnologias, marcados pela opacidade e pelo anonimato, torna-se imperativo tensionar e adaptar esses fundamentos clássicos às especificidades da rede. Contudo, persiste na prática acadêmica uma "metafísica da presença" que eleva a interação física a um patamar de autenticidade inquestionável, concebendo o interlocutor presencial como a "essência" verdadeira do sujeito, a despeito de sua inerente capacidade de dissimulação. Paradoxalmente, quando o campo se desloca para o digital, a emergência de perfis anônimos ou pseudônimos é frequentemente, e de forma limitante, enquadrada como um obstáculo metodológico que ameaçaria a validade da pesquisa.

No entanto, aqui nós entendemos que essa perspectiva demonstra uma compreensão limitada das especificidades ontológicas do âmbito digital. O anonimato, a possibilidade de desidentificação e a construção de personas digitais não são anomalias a serem corrigidas ou mesmo percalços da pesquisa, mas são, sim, características intrínsecas e constitutivas do campo conectado. A ruptura com a noção de uma identidade estável e singular do interlocutor, que seria um pressuposto (muitas vezes não problematizado) da pesquisa *face a face* onde se assume, ingenuamente, que ao encontrar o sujeito não haveria dúvidas de sua "verdadeira" identidade é, na verdade, um dado empírico importantíssimo. Essa "não" presença do sujeito em seu sentido tradicional não inviabiliza a pesquisa, mas a enriquece, exigindo do

pesquisador uma reorientação epistemológica que abrace a validade sociológica dessa forma de sociabilidade que se manifesta na rede, redefinindo os contornos e as possibilidades da investigação.

A identidade em rede, como coloca Lévy (2000), é fluida e multifacetada, permitindo a experimentação e a projeção de diferentes “eus”, que são tão reais e significativos quanto a persona *offline*. O que se manifesta através de um pseudônimo ou de um perfil com informações limitadas não é a ausência de um sujeito, mas a presença de um sujeito em um modo específico de ser e interagir, moldado pelas *affordances* das plataformas digitais e pelas possibilidades de sociabilidades que ali aparecem.

Aqui, é importante ponderar que o anonimato e essa forma específica de se colocar em rede não podem ser reduzidos nem a um problema, nem a uma solução, mas precisam ser analisados em sua complexidade. Como aponta Fontanella (2010), ao estudar os “*chans*”, fóruns cuja característica central é justamente o anonimato, esse ambiente possibilita diferentes formas de experimentação de ideias, sentimentos e criações. Nesse contexto, o anonimato aparece como uma condição que viabiliza certas práticas, inclusive as mobilizações realizadas e analisadas pelo pesquisador. Esse uso “criativo” por intermédio do anonimato também é similar ao campo estudado do Wattpad, que será descrito com mais detalhes na sequência.

Por outro lado, não se trata de ignorar as tensões que a opacidade identitária produz. Como discute Musso (2025), perfis anônimos podem operar como vetores de desinformação e disseminação de discursos de ódio, colocando tais práticas em confronto com os marcos legais. Essa dinâmica é evidente no campo empírico referente aos discursos antiaborto no Instagram, onde usuários se valem do anonimato para destilar hostilidade e perseguições em rede. Nesse sentido, mais do que pensar o anonimato como um “problema” a ser resolvido, revela-se produtivo encará-lo como uma característica constitutiva e ambígua do ambiente digital: ele abre possibilidades de interação, ao mesmo tempo em que intensifica disputas e conflitos.

Afinal, o anonimato e o pseudonimato são também catalisadores da comunicação digital, capazes de fomentar a autorrevelação (*self-disclosure*) e a expressão de afetos que seriam inibidos em contextos de identificação plena (OSATUYI, 2015; ORTIZ; CHIH; TSAI, 2018). Para compreender essa negociação entre privacidade e publicidade *online*, torna-se útil a distinção proposta por Qian e Scott (2007) entre o anonimato visual (ausência de traços físicos) e o anonimato discursivo (desvinculação da fala da identidade civil). Perfis que não

revelam os dados civis do usuário, mas que participam ativamente de discussões e constroem laços sociais, geram um volume significativo de dados que refletem práticas culturais e crenças autênticas (SIPLEY, 2020).

Diante disso, a “não presença” do sujeito em seu sentido tradicional (identificável e rastreável) exige da pessoa pesquisadora uma reorientação epistemológica. É preciso abandonar a busca por uma “essência” identitária fixa, ou por uma identidade *offline* subjacente, para validar sociologicamente a subjetividade que o indivíduo performa na rede (LÉVY, 2000). Repensar o “sujeito” na pesquisa digital implica, portanto, reconhecer a legitimidade empírica dessas identidades performáticas, sem desconsiderar os limites legais e éticos. O desafio metodológico contemporâneo reside justamente em equilibrar a produção de conhecimento com a proteção dos direitos individuais, navegando de forma crítica entre o que é visível, o que é rastreável e o que é eticamente aceitável - dimensões que serão aprofundadas na próxima seção.

2. Aspectos metodológicos e éticos perante à opacidade e anonimato nas redes: possibilidades e desafios

Nem todos os cenários digitais são marcados pelo anonimato como tônica. No entanto, quando essa é a realidade do campo, algumas questões metodológicas se colocam de forma incontornável. Isso porque determinadas estratégias, muitas vezes tomadas como centrais na tradição das Ciências Sociais, tornam-se difíceis e por vezes inviáveis. Como realizar, por exemplo, uma entrevista quando não se sabe exatamente quem é o interlocutor? Ou ainda, como estabelecer um convite à participação em um contexto em que a própria lógica de interação não pressupõe identificação estável? Essa situação expõe os limites de metodologias que partem do pressuposto de um sujeito acessível, identificável e disposto a se engajar nos moldes clássicos da pesquisa. Nesse sentido, o anonimato tensiona o próprio desenho metodológico, exigindo deslocamentos nas formas de aproximação, produção de dados e construção do campo.

Outro ponto que precisa ser considerado é que, no ambiente digital, o anonimato nem sempre se apresenta de forma explícita. Muitas vezes, o que se tem são perfis que operam por meio de pseudônimos, nomes fictícios ou identidades parcialmente construídas e explícitas, o que torna ainda mais complexa a relação entre o sujeito e sua “identidade”. Nesses casos, não se trata de não saber quem é o interlocutor, mas de lidar com camadas de construção de si que fazem parte da própria dinâmica das plataformas. A noção de um sujeito “verdadeiro”,

acessível por trás do perfil, torna-se menos evidente e, em certa medida, menos relevante para compreender as interações que ali acontecem. Nesse sentido, mais do que buscar validar a “veracidade” dos perfis, talvez seja mais produtivo compreender como essas identidades operam no campo e quais efeitos produzem nas interações observadas.

Esse deslocamento tem implicações diretas para a metodologia. Se, no modelo tradicional, a identificação do interlocutor aparece como um ponto central para a validação dos dados, no contexto digital essa exigência precisa ser relativizada. Isso não significa abrir mão do rigor, mas reconhecer que a própria ideia de quem é o sujeito da pesquisa se transforma. Assim, a análise passa a se voltar menos para a correspondência entre perfil e “pessoa real” e mais para os modos de enunciação, as práticas discursivas e as dinâmicas de interação que se configuram nesses espaços.

É nesse ponto que o *lurking*, ou a chamada observação silenciosa, costuma aparecer como uma estratégia recorrente. No entanto, mais do que uma solução metodológica, ele também precisa ser problematizado. Se, por um lado, permite o acesso a interações que dificilmente ocorreriam diante da presença explícita da pessoa pesquisadora, por outro, levanta questões importantes sobre consentimento, visibilidade e os limites entre o público e o privado em ambientes digitais (ENSP/FIOCRUZ, 2020).

Isso porque a ausência de consentimento direto dos participantes, que muitas vezes sequer sabem que estão sendo observados para fins de pesquisa, impõe desafios éticos importantes (SOROKA; RAFAELI, 2006). Como apontam as discussões sobre pesquisa digital, pressupostos clássicos como o consentimento informado tornam-se mais difíceis de operacionalizar nesses contextos, aparecendo, muitas vezes, como um ponto embaraçoso do próprio fazer metodológico (BENINGER, 2017). Nesse cenário, pensar a ética envolve necessariamente considerar outras formas de conceber privacidade, anonimato, confidencialidade e os próprios modos de coleta e uso de dados, além dos possíveis riscos e danos às pessoas cujas interações são mobilizadas na pesquisa.

Nesse sentido, a ideia de que conteúdos disponíveis *online* seriam automaticamente públicos e, portanto, passíveis de uso irrestrito, precisa ser problematizada. Como lembra boyd (2010), o fato de os dados estarem acessíveis não significa que seja ético utilizá-los. Essa afirmação ganha ainda mais peso quando consideramos que, no ambiente digital, as fronteiras entre público e privado são difusas e constantemente negociadas (FACIOLI; PADILHA, 2019). Assim, práticas aparentemente simples, como copiar e colar a fala de um interlocutor ou mesmo realizar um *print* de tela, podem acabar expondo alguém que não sabe,

ou que sequer deseja, ser exposto. O fato de uma pessoa se colocar de forma anônima já diz algo sobre suas expectativas em relação à privacidade, o que torna ainda mais sensível o uso dessas informações em contextos de pesquisa.

Além disso, como destacam Facioli e Padilha (2019), mesmo perfis públicos ou semipúblicos estão inseridos em sistemas informacionais específicos, ou seja, em plataformas que delimitam e condicionam as formas de visibilidade. Nesse sentido, como argumentam van Dijck, Poell e de Waal (2018), as plataformas digitais não são espaços públicos neutros, mas ambientes estruturados para incentivar e monetizar a exposição. A visibilidade, portanto, não se coloca como escolha individual, já que é um efeito dessas arquiteturas. Isso desloca a questão ética: não se trata apenas de perguntar se é legítimo utilizar conteúdos de quem “escolheu” se expor, mas de refletir sobre como a pesquisa acadêmica se posiciona diante de um sistema que se sustenta justamente na exploração dessa exposição.

Diante disso, o *lurking* passa a exigir uma reflexão crítica mais ampla. Se, por um lado, ele possibilita o acesso a interações que dificilmente ocorreriam sob observação explícita, por outro, tensiona diretamente noções de consentimento, visibilidade e privacidade, exigindo que a pessoa pesquisadora vá além de soluções metodológicas prontas e encare as implicações éticas do próprio campo em que está inserida. Diante disso, o anonimato indica, em alguma medida, expectativas de privacidade, proteção ou controle sobre a própria exposição, e ignorar essas características sem reflexão implica reforçar assimetrias entre quem pesquisa e quem é pesquisado. Destarte, levar o anonimato a sério é também repensar os limites do que pode ou não ser feito em nome da produção de conhecimento.

3. Na terra de histórias: lesbianidades anônimas no Wattpad

Esta seção detalha os achados e as reflexões metodológicas advindas da pesquisa situada no campo do Wattpad, uma plataforma digital de leitura e escrita que se distingue por sua lógica colaborativa. Nesse ambiente, pessoas usuárias publicam, consomem e interagem com narrativas de diversos gêneros, promovendo uma imbricação entre leitura, escrita e interação, manifestada por meio de comentários, votos e engajamento direto com as obras. A plataforma conta com mais de 90 milhões de usuários (Wattpad, 2024). Pensando no Wattpad como uma plataforma privilegiada no que tange às sociabilidades em torno da leitura, evidencia-se a importância de se observar esse campo e suas dinâmicas de produção e circulação de narrativas.

Acerca das dinâmicas de produção e sociabilidades dentro da plataforma, é oportuno salientar que para poder interagir com as histórias, é preciso ter uma conta - e é nesse cenário que foi percebida a grande presença de perfis que utilizam de pseudônimos e do anonimato para se colocar nesse espaço. Em um primeiro momento, essa característica não pareceu tão preponderante quanto foi percebida posteriormente em um mapeamento e observação mais sistemática da plataforma. Cabe dizer também que a pesquisa de dissertação em curso possui objetivo de compreender os sentidos e as representações sobre lesbianidades que circulam na plataforma. Para tanto, a fim de adentrar o campo em um primeiro momento da pesquisa foi realizado um monitoramento sistemático das histórias que apareciam atreladas às *tags* "lésbico" e "lésbica" ao longo de dois meses (11 de abril a 23 de junho de 2025), com mapeamentos quinzenais. Esse levantamento inicial resultou na identificação de 240 ocorrências de histórias, das quais 128 eram distintas, considerando que 112 se repetiram ao longo do levantamento.

Das 128 histórias, apenas três foram atribuídas a perfis não anônimos, ou seja, cujas contas apresentavam identificação visual, nome e descrição. Esses três perfis eram de autores independentes que se identificavam explicitamente a fim de divulgar suas obras, trabalhos e até mesmo *links* de compras para seus materiais. Quando averiguado, esse cenário evidenciou algumas questões que fizeram repensar o curso da pesquisa, uma vez que houve a explicitação de limitações metodológicas, como a inviabilidade de realização de entrevistas ou mesmo grupos focais, uma vez que não era, nem é possível verificar se os perfis anônimos pertencem a menores de idade ou identificar com precisão o público que está produzindo essas narrativas.

No entanto, após essa reconfiguração da pesquisa, percebi que a presença desses perfis anônimos, pseudônimos ou mesmo potencialmente não identificados expunha uma característica própria da sociabilidade que se constrói nesse campo. Nesse sentido, o anonimato passou a se colocar como um ponto-chave para a compreensão do fenômeno estudado, e não apenas como um dado secundário ou um obstáculo metodológico. Mesmo nos casos em que não é possível averiguar informações como idade, gênero ou localização, isso não significa ausência de dados, mas a presença de outros elementos que também são significativos para a análise, como formas de escrita, modos de interação, escolhas de nomes de usuário e referências mobilizadas nos perfis. São justamente essas pistas, ainda que fragmentadas, que permitem apreender o fenômeno da literatura virtual lésbica no Wattpad

em sua complexidade, sem reduzir o campo à exigência de uma identificação estável dos sujeitos.

A exemplo disso, na aba “perfil” da plataforma Wattpad é possível incluir foto de perfil e de capa, o nome de usuário (ou “@”), uma biografia escrita pela própria pessoa usuária e, além disso, há também a possibilidade de interação por meio da aba “conversação”. Esses elementos, quando analisados em conjunto, permitiram a apreensão de algumas informações relevantes sobre as dinâmicas da plataforma. Entre elas, destaco o fato de que muitas das histórias escritas e disponibilizadas no Wattpad se caracterizam como *fanfics*, ou seja, narrativas produzidas por fãs a partir de universos, artistas ou figuras públicas já existentes, funcionando muitas vezes como uma forma de homenagem. Nesse sentido, essa lógica de homenagem não se restringe ao conteúdo das histórias, mas se estende à própria constituição dos perfis. Em diversos casos, observou-se que nomes de usuário, fotos de perfil e imagens de capa fazem referência direta a esses artistas ou universos.

Assim, foi comum a presença de usuários como *@sra(nomedoartista)* ou variações que incorporam partes do nome ou sobrenome de figuras famosas. As imagens de perfil também seguem, com frequência, essa mesma lógica de referência e identificação. Em alguns casos, percebe-se inclusive que determinados perfis se organizam de forma quase “especializada” na produção de narrativas em torno de um artista ou pessoa específica, de modo que essa figura se torna central nas histórias produzidas e na própria construção visual e identitária do perfil.

Outro fato apreendido a partir dessa constituição de perfis anônimos e pseudônimos é que, na seção de biografia, apesar da ausência de identificação direta, as pessoas usuárias frequentemente expõem suas motivações para a escrita, além de questões pessoais, afetivas e até mesmo tensões relacionadas à própria produção das narrativas. O que se coloca, assim, não é um vazio informacional, mas uma reorganização dos modos pelos quais essas informações são tornadas visíveis e acessíveis no ambiente digital. Para exemplificar, separei algumas biografias, que foram ligeiramente alteradas para não identificação dos perfis na íntegra:

- 1) “ Sabe aquelas fantasias que ninguém tem coragem de contar? Então, eu transformo esse tipo de imaginação em histórias e escrevo sobre isso, deixando tudo mais narrativo e envolvente. Brinco que esse é o mais perto que chego de ser uma marciana vivendo entre humanos numa realidade meio afrodisíaca na Terra. Talvez isso até vire sinopse de alguma fic futura. Eu lésbica, tu lésbica, todas lesbianas  seja muito bem viado”.
- 2) Não tenho certeza do que sou (bi, pan, lésbica, sei lá), mas tenho certeza de que sou gado por mulheres . Às vezes me sinto extremamente produtiva, com picos altos de energia, e em outros momentos passo por períodos longos de desânimo e vazio, em que não consigo produzir muita coisa. Sou bastante

envolvida com o universo sáfico e costumo escrever sobre shipps, sejam eles canônicos ou não, controversos ou não. Demoro um pouco para atualizar minhas fanfics ou postar as que já estão prontas porque busco sempre algo próximo da perfeição, o que exige tempo e energia, duas coisas que nem sempre tenho em abundância. Ainda assim, espero conseguir publicar um dia todas as histórias que venho guardando há bastante tempo ;)”.

- 3) “Escrevo principalmente para escapar dos problemas da vida real. A fantasia funciona como um refúgio, um espaço onde tudo pode acontecer e onde minha criatividade ganha forma. Aqui é meu cantinho de calma”.

Nesses e em outros casos que foram lidos, observados e analisados na pesquisa, percebi que mesmo sem identificação direta, as pessoas usuárias constroem narrativas sobre si, suas emoções, desejos e formas de estar no mundo, ainda que de maneira fragmentada, sucinta e, por vezes, ambígua. Nesse sentido, o anonimato não elimina a presença do sujeito, mas desloca sua forma de aparecimento, que passa a se dar por meio de confissões, ironias e, em alguma medida, as experimentações de si. É possível perceber também que essas biografias funcionam como um espaço híbrido entre apresentação de si e extensão do próprio universo ficcional das histórias produzidas. A escrita sobre “fantasias”, desejos e referências ao “universo sáfico” não se limita às narrativas publicadas, mas atravessa também a construção do perfil, borrando, em alguma instância, a separação entre autora e obra, entre vida e ficção.

Nessas observações, ainda que não haja informações diretas sobre idade ou outros marcadores identificáveis, foi possível perceber indícios de que uma parcela significativa das pessoas usuárias é composta por adolescentes ou pessoas muito jovens. Essa inferência não se dá como uma forma de classificação rígida, mas como uma leitura situada do próprio campo, a partir das linguagens utilizadas, até mesmo nas biografias, das temáticas recorrentes e das dinâmicas de interação na plataforma. Nesse sentido, o anonimato também pode ser compreendido, em alguma medida, como uma estratégia de proteção e de participação em um ambiente no qual a exposição da identidade pode ser sensível ou arriscada e também, com a não exposição abre-se espaço para uma maior experimentação.

Observei, então, como o pseudonimato atua como facilitador do *self-disclosure* (QIAN; SCOTT, 2007) permitindo com que processos de partilha de desejos, descobertas e identificações ocorram em uma zona de intimidade protegida, em que as fronteiras entre o "eu" e a sociabilidade em torno da literatura se diluem em favor de uma elaboração mediada pela textualidade. De acordo com Qian e Scott (2007), o ambiente digital oferece diferentes gradações de anonimato (visual e discursivo) que impactam diretamente a disposição do indivíduo em revelar informações pessoais, pensamentos e sentimentos íntimos. No contexto

do Wattpad, o pseudonimato discursivo (a capacidade de interagir sem vincular a comunicação a uma identidade civil identificável) parece ser um artifício para as pessoas usuárias. Como apontam os autores, a redução dos riscos sociais e do medo de retaliações ou julgamentos no mundo *offline* é um dos principais motores para o aumento do *self-disclosure*.

Como as narrativas sobre lesbianidade, desejo e afetos inserem-se em um campo socialmente marginalizado, o receio de retaliações torna o pseudonimato uma espécie de "capa de proteção" necessária. Ao desvincular a autoria da "face pública", os usuários realizam uma gestão estratégica da visibilidade, narrativizando a própria sexualidade com maior liberdade e promovendo uma "desmarginalização da identidade" num espaço seguro (QIAN; SCOTT, 2007).

4. Desindividuação e performance reacionária: o discurso antiaborto no Instagram

Como delineado anteriormente, o segundo campo empírico debruça-se sobre a atuação de um grupo conservador e reacionário no Instagram. O objetivo central da investigação matriz surgiu da necessidade de compreender como ocorre a mobilização desse ator político por meio de articulações narrativas e discursos antiaborto. Devido ao histórico documentado do grupo em promover perseguições e ataques coordenados contra pesquisadores e ativistas de direitos humanos, a rigorosa anonimização do seu nome e a adoção do *lurking* (observação não participativa) mostraram-se imperativos éticos e metodológicos para resguardar a segurança da investigação.

Embora o escopo original da pesquisa matriz tenha se concentrado na análise de 20 postagens para desvelar as estruturas discursivas da organização — não tendo como foco primário a interação do público —, a dinâmica agressiva nas seções de comentários exigiu um novo olhar. Assim, de forma específica para as reflexões propostas neste artigo, o eixo analítico desloca-se da estrutura organizacional para as interações. O percurso metodológico consistiu na observação dessas mesmas 20 publicações, mapeando a participação de cerca de 30 seguidores engajados em cada uma delas. A partir desse universo de interações, delimitou-se uma amostra qualitativa de 60 seguidores, cujos perfis foram visitados e escrutinados individualmente.

Durante essa incursão, constatou-se que a maioria absoluta desses 60 perfis analisados pertencia a mulheres. Ademais, a triagem do material priorizou a análise dos comentários que detinham o maior número de curtidas.

Um desdobramento imprevisto desta incursão foi a constatação de que a desindividuação no campo analisado não opera de maneira homogênea, sendo atravessada por um nítido marcador de gênero. Sob as lentes da Teoria SIDE, compreende-se que o anonimato ou a redução da visibilidade individual não apagam o sujeito, mas promovem uma transição da identidade pessoal para a identidade social. Contudo, percebe-se que essa "identidade social" do grupo não é neutra (SCOTT, 1995); ela é estruturada pelo gênero como uma categoria analítica que organiza as funções e os lugares de fala dentro do movimento reacionário.

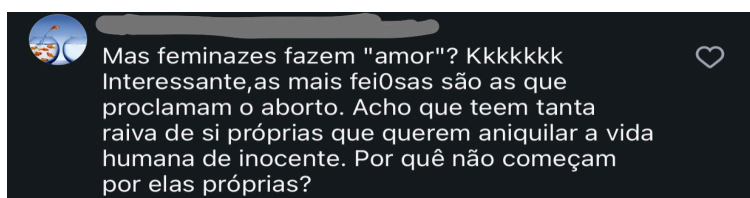
A observação de 30 seguidores ativos revelou que, contrariando a expectativa de um anonimato total, a maioria das mulheres utiliza nomes e fotografias civis. Sob a ótica da performatividade (BUTLER, 2024), essa visibilidade não deve ser lida como um resgate da subjetividade individual, mas como o cumprimento de uma performance política: o "mostrar o rosto" é o ato de "fazer o gênero" dentro de um script maternalista e moralizante. O rosto exposto serve como um dispositivo de autenticidade que legitima o discurso biopolítico do grupo; as mulheres não estão ali como indivíduos isolados, mas performando a identidade social da "guardiã moral".

Neste sentido, a desindividuação SIDE opera de forma generificada. Para as mulheres, que constituem a maioria, a norma do grupo exige a exposição da face como prova de "verdade" e "natureza". Ao manterem as suas identidades expostas, encarnam a norma da "legitimidade moral" e a conformidade ao estereótipo da guardiã. O rosto visível não serve, portanto, à individualidade, mas sim à validação de uma identidade social maternalista e biopolítica que sustenta a defesa da "família".

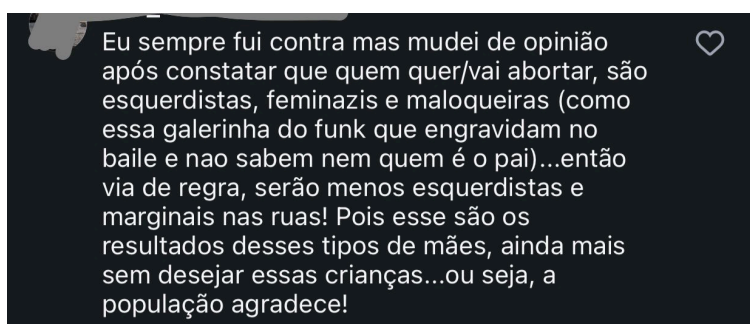
Em contrapartida, as interações masculinas revelam uma faceta sombria da desindividuação, na qual a norma autoriza a opacidade e a agressividade. É sintomático que os perfis que recorrem com maior frequência à ocultação do rosto — substituindo a fotografia pessoal por símbolos políticos, bandeiras do Brasil ou paisagens — sejam de homens. Neste estrato, o anonimato transcende a mera perda de identidade para se configurar como um artifício calculado de evasão jurídica. Protegidos pela opacidade de um avatar genérico, estes sujeitos operam deliberadamente no limite legal da liberdade de expressão, cruzando frequentemente a fronteira para os crimes contra a honra e para o discurso de ódio. A utilização de insultos misóginos e de incitações à violência — com a banalização de termos como "vadias", "vagabundas" ou desejos explícitos de morte — torna-se o léxico padrão.

Como aponta Carlotto (2025), nesse espectro político, o debate público é metaforizado como guerra, e a agressividade extrema é validada internamente como demonstração de força e coragem. A desindividuação funciona, portanto, como uma "armadura digital". Ao fundir sua identidade individual com ícones nacionalistas, o sujeito masculino isenta-se das responsabilidades civis e penais para performar o papel de "soldado". O anonimato seletivo atua como um catalisador de silenciamento: exige o rosto feminino como vitrine pedagógica, enquanto franqueia aos homens a opacidade necessária para a execução do escárnio e da violência discursiva.

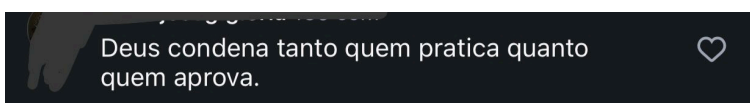
Abaixo, ilustram-se as manifestações dessa divisão, contrastando a exposição moralizante feminina com a agressividade anônima masculina:



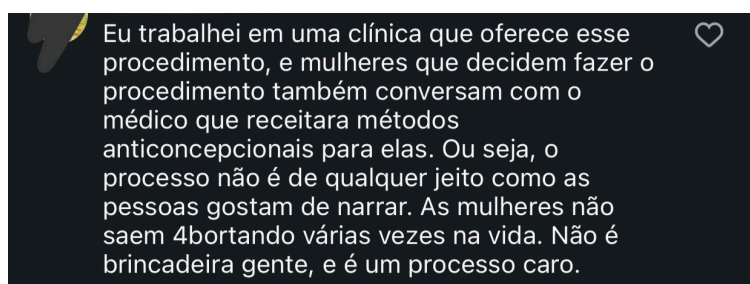
(Comentário de um seguidor do Grupo)



(Comentário de um seguidor do Grupo)



(Comentário de uma seguidora do Grupo)



(Comentário de uma seguidora do Grupo)

A materialidade desses comentários evidencia que a desindividuação nas plataformas não é um mero acidente técnico, mas uma tática estruturada de poder. Se, por um lado, a divisão sexual do trabalho discursivo garante a coesão ideológica e moral do grupo, por outro, ela instaura um ambiente de hostilidade que transborda as fronteiras éticas do debate democrático. É precisamente a conversão do anonimato masculino em um escudo para a agressividade que impõe um novo desafio à pesquisa e à sociedade: como lidar com um indivíduo que, embora biograficamente inacessível ou camuflado, produz violências tão concretas? Essa indagação exige que a análise avance da mera observação da performance identitária para o escrutínio dos limites normativos dessa atuação, tensionando o impacto desse "sujeito digital" frente ao ordenamento jurídico.

4.1 Limites legais, desinformação e a reconstrução do sujeito digital

O encerramento desta análise exige uma reflexão sobre as tensões entre o que é rastreável e o que é performático na rede. No contexto da pesquisa sociológica digital, torna-se necessário validar a subjetividade que o usuário projeta na rede como um fato social em si. Estamos diante de uma hiper-realidade em que a performance do perfil, seja ele autenticado ou mascarado por avatares políticos, produz efeitos materiais e concretos na esfera pública, moldando o pânico moral independentemente da veracidade biográfica do sujeito por trás da tela.

Nesse cenário, o anonimato digital ultrapassa a função de ocultamento identitário para se consolidar, em alguns casos, como uma ferramenta tática de desinformação. Como observa Musso (2025), o ecossistema digital contemporâneo favorece a criação de perfis anônimos que potencializam a circulação acelerada de *fake news* e conteúdos lesivos. No segundo campo empírico analisado, a "armadura digital" utilizada majoritariamente por perfis masculinos serve não apenas para o ataque à honra (xingamentos), mas como vetor direto para a disseminação de pânico moral fundamentado em inverdades.

Isso fica evidente no teor de comentários que atacam a pauta do aborto por meio de descrições médicas falaciosas e apelos emocionais anticientíficos com alegações infundadas de que os procedimentos visam "matar vidas", que "a criança está viva e chora" ou descrições irreais sobre a dor fetal. Tais enunciados transcendem o mero exercício de opinião; tratam-se de uma engrenagem calculada de desinformação projetada para gerar choque e legitimar a violência contra os direitos reprodutivos femininos.

Contudo, esta hiper-realidade beligerante esbarra frontalmente nos marcos constitucionais brasileiros. A tensão entre o anonimato estratégico, facilitado pela arquitetura das plataformas, e a Constituição Federal, que veda o anonimato justamente para garantir a reparação de danos, revela uma complexa zona de penumbra. Frequentemente, a liberdade de expressão é sequestrada e mobilizada como escudo retórico por esses perfis para justificar o discurso agressivo. No entanto, adverte-se que direitos fundamentais não são absolutos: o anonimato em rede colide com o ordenamento jurídico ao impedir a responsabilização civil e penal de quem instrumentaliza a plataforma para propagar ilícitos e *fake news*.

A tática de operar na fronteira da lei, garantida por essa desindividuação, desafia o atual regime de responsabilização previsto no Marco Civil da Internet. Transforma-se, assim, a rede em um território de exceção, em que a violência discursiva e a desinformação anticientífica operam sob uma proteção sociotécnica que as instituições democráticas e os marcos legais ainda lutam para regular de forma eficaz.

5. Considerações finais

A condução de pesquisas em plataformas digitais exige das ciências sociais uma constante adaptação de suas lentes teóricas e metodológicas. Ao cruzar dois campos empíricos distintos, no Wattpad com o estudo acerca das lesbianidades e o segundo campo com os seguidores de um grupo conservador antiaborto no Instagram, este trabalho buscou responder diretamente a duas indagações centrais delineadas na introdução: quais são as possibilidades metodológicas diante de interlocutores desconhecidos e quais cuidados atravessam esse ambiente marcado por presenças e não presenças.

No que tange às possibilidades metodológicas, o artigo pondera que o abandono da busca pela identidade civil do interlocutor (o "CPF" por trás da tela) não empobrece a pesquisa sociológica; pelo contrário, exige um reposicionamento epistemológico. A principal alternativa reside em assumir a subjetividade performada no ambiente digital como um dado empírico legítimo e autossuficiente. Para operacionalizar essa investigação, a técnica de *lurking* (observação silenciosa) consolidou-se como a ferramenta mais adequada, ao menos em nossos campos de pesquisa, permitindo a observação dos fenômenos e das relações ali tecidas sem nenhum prejuízo metodológico ou mesmo epistemológico.

Quanto aos cuidados e questões que atravessam esse ambiente marcado pela dualidade de presença (discursiva e de agência) e não presença (civil e biográfica), as pesquisas nos mostram que o anonimato assume funções radicalmente opostas dependendo do contexto,

exigindo cautela ética e analítica. No campo situado no Wattpad, a "não presença" civil opera, em grande parte das vezes, como um mecanismo de experimentação criativa e construção de redes em torno da leitura. No extremo oposto, no grupo conservador, essa mesma "não presença", majoritariamente performada por perfis masculinos, atua como uma "armadura digital". A ocultação do rosto viabiliza uma presença hostil e materialmente danosa, convertendo-se em um escudo jurídico que permite a execução da violência discursiva e do pânico moral, tangenciando os limites das balizas do Marco Civil da Internet.

Diante dessa ambiguidade, o principal cuidado que se impõe perpassa a segurança. A decisão metodológica de anonimizar os atores (no segundo campo) demonstra que, em ecossistemas digitais polarizados, a proteção ética não se restringe aos sujeitos observados, mas estende-se fundamentalmente à própria figura das pessoas pesquisadoras para blindar o trabalho contra retaliações. O desafio futuro não é, portanto, desmascarar o sujeito digital para resolver o paradoxo da sua presença ou ausência, mas sim refinar as metodologias e marcos normativos para compreender como essa tensão continua a reconfigurar as violências e as relações de poder no capitalismo comunicativo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BOYD, Danah. Privacy and publicity in the context of Big Data. In: INTERNATIONAL WORLD WIDE WEB CONFERENCE, 19., 2010, Raleigh. Proceedings [...]. New York: ACM, 2010. Disponível em: <https://www.danah.org/papers/talks/2010/WWW2010.html>. Acesso em 2 jul. 2025.

BUTLER, Judith. Quem tem medo do gênero? São Paulo: Boitempo, 2024.

CARLOTTO, Maria Caraméz. "Boa guerra, garoto(s)!: bolsonarismo, "anti-intelectualismo" e masculinidade. Estudos Avançados, São Paulo, v. 39, n. 113, e39113197, 2025. DOI: 10.1590/s0103-4014.202539113.011.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SERGIO AROUCA (ENSP/FIOCRUZ). Comitê de Ética em Pesquisa. Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais. Versão 1.0. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://cep.ensp.fiocruz.br>. Acesso em: 23 dez. 2025.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues; PADILHA, Felipe André. Ética e pesquisa em ciências sociais: reflexões sobre um campo conectado. Mediações - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 24, n. 1, p. 228-258, 2019. DOI: 10.5433/2176-6665.2019v24n1p228. Disponível

em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/33130>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FONTANELLA, Fernando. Nós somos anonymous: anonimato, trolls e a subcultura dos imageboards. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. Anais. São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/download/34888856/artigo_4chan.pdf. Acesso em 21 jan. 2026.

HAFIFAH, Raisyah Siti; NURRAHMI, Febri. Deindividuation Phenomenon among Anonymous Kpopers Account on Social Media X. Jurnal Komunikasi, v. 16, n. 2, p. 407-425, 2024. Disponível em: <https://journal.untar.ac.id/index.php/komunikasi/article/download/31668/19634>. Acesso em 20 jan. 2026.

LÉVY, Pierre. A Inteligência Coletiva. São Paulo: Editora 34, 2000.

MUSSO, David Roverso. Anonimato digital e fake news: limites à liberdade de expressão na proteção dos direitos fundamentais. Cadernos da Escola do Legislativo, [S. l.], v. 27, n. 47, p. 1-23, jan./dez. 2025. DOI: 10.62551/2595-4539.2025.530.

ORTIZ, Jaime; CHIH, Wen-Hai; TSAI, Faa-Shyan. Information privacy, consumer alienation, and lurking behavior in social networking sites. Computers In Human Behavior, [S.L.], v. 80, p. 143-157, mar. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2017.11.005>.

OSATUYI, Babajide. Is lurking an anxiety-masking strategy on social media sites? The effects of lurking and computer anxiety on explaining information privacy concern on social media platforms. Computers In Human Behavior, [S.L.], v. 49, p. 324-332, ago. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2015.02.062>.

QIAN, Hua; SCOTT, Craig R. Anonymity and self-disclosure on weblogs. Journal of Computer-Mediated Communication, v. 12, n. 4, p. 1428-1451, 2007. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcmc/article-abstract/12/4/1428/4583041>. Acesso em 16 jan. 2026.

SANTOS, Emily. O Brasil que lê menos: pesquisa aponta perda de quase 7 milhões de leitores em 4 anos; veja raio X. G1, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml>. Acesso em: 1 ago. 2025.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-114, jul./dez. 1995.

SIPLEY, Gina. 'Lurker' Literacies: Living In/Through Neighborhood Facebook Groups. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS, 21., 2020. Selected Papers of #AoIR2020. Virtual Event: AoIR, 2020. Disponível em: <http://spir.aoir.org>. Acesso em: 23 dez. 2025.

SOROKA, Vladimir; RAFAELI, Sheizaf. Invisible participants. Proceedings Of The 15Th International Conference On World Wide Web, [S.L.], p. 163-172, 23 maio 2006. ACM. <http://dx.doi.org/10.1145/1135777.1135806>.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. The platform society: public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

WATTPAD. Wattpad - Where stories live, 2024. Disponível em: <https://www.wattpad.com/home>. Acesso em: 2 set. 2024.

CHECKLIST PARA PAPER COMPLETO	
NORMAS	ASSINALAR COM “✓” OU “OK”
Logo do 14º SNS&P na primeira página	✓
Texto entre 12 e 15 páginas (excluindo capa e referências)	✓
Formato de papel A4	✓
Margens superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm	✓
Fonte Times New Roman, tamanho 12	✓
Recuo de 1,25 cm para a primeira linha de cada parágrafo	✓
Espaço entre linhas de 1,5	✓
Referências conforme normas o “Manual de Normalização de Documentos Científicos de acordo com as normas da ABNT” [UFPR]: < https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73330 >	✓
Conversão do arquivo em .pdf	✓